

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO ESTÉTICA: ARTE  
E AS PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

JOSIELI DAMIANI GAVA

**A FOTOGRAFIA COMO UM INDICADOR DA CULTURA ITALIANA NA CIDADE  
DE NOVA VENEZA**

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2012.

JOSIELI DAMIANI GAVA

**A FOTOGRAFIA COMO UM INDICADOR DA CULTURA ITALIANA NA CIDADE  
DE NOVA VENEZA**

Monografia apresentada ao Setor de Pós-Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, para obtenção do título de Especialista em Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Isabel Conti Schilling

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2012.

Aos meus pais, meu namorado e a todos aqueles que de várias formas me ensinaram que as dificuldades não são maiores do que a minha vontade e capacidade de vencer os obstáculos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar força e esperança para concluir mais uma etapa em minha vida.

Agradeço também aos meus pais, João e Ivonete, que compreenderam minha ausência nas horas em que precisavam de ajuda nos trabalhos de casa, pela paciência em dividir minha presença com a necessidade de estudar e produzir este trabalho. Sei que torcem por mim sempre. Muito obrigada!

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Isabel Conti Schilling, que sempre se disponibilizou a me ajudar com suas orientações, conselhos, textos para leituras, mostrando a direção a ser tomada.

Ao meu namorado e amigo, Robson, agradeço pelo incentivo e apoio sempre que precisei. Namoramos há pouco tempo, mas tempo suficiente para acreditar que Deus sempre reserva o melhor para nós. Te agradeço meu “Chero”, por ao teu lado conhecer o sentimento mais belo, o amor, e pela felicidade imensa que me proporciona. Te amo muito!

Também não poderia deixar de agradecer aos colegas da Pós Graduação, especialmente os amigos Camile e Leonardo, pela ajuda, compreensão, troca de ideias, gargalhadas e momentos de descontração.

Ao meu nono, Ângelo Damiani, pelo auxílio nas fotos antigas e informações a respeito de seu pai, Nono Nelo.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram de uma forma ou de outra para a realização desta pesquisa.

Muito obrigada!

Quando se quer estudar os homens, é necessário olhar bem de perto; mas para estudar o homem é preciso aprender a levar longe o olhar; é necessário antes de mais nada observar as diferenças para descobrir as propriedades.

*Rousseau*

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo de pesquisa identificar a identidade cultural da cidade de Nova Veneza – SC, por meio de fotografias, assim como dos usos e costumes dos antepassados dos moradores locais. Para a realização desta pesquisa utilizamos como fontes as fotografias, conversas informais com pessoas mais velhas, sites, filmes e livros acerca da temática escolhida. Durante a reconstrução da identidade de um grupo ou etnia, encontramos vários recursos como livros, depoimentos, fotografias, entre outros, que contam nossa história. Optamos por utilizar a fotografia como apoio nessa pesquisa, uma vez que a memória por si só não é suficiente para a busca de fatos passados. Por meio do conhecimento de nosso passado podemos compreender nossa história e descobrir mais sobre nós mesmos, desse modo afirmando nossa identidade. O amor pela cidade em que nasci e o desejo de conhecer minha identidade foi um dos motivos para a realização desta pesquisa. Por meio das fotografias investiguei o que elas revelam sobre a identidade cultural de Nova Veneza, como também tradições dos antepassados dos moradores da cidade. Acredito que esse percurso fortalecerá e ampliará minha cultura e descobertas sobre minha identidade.

**Palavras-chaves:** Fotografia, Cultura, Identidade.

## **ABSTRACT**

This thesis research aims to identify the cultural identity of the city of Nova Veneza - SC, through photographs, as well as the habits and customs of the ancestors of the locals. For this research we use sources like photographs, informal conversations with older people, websites, films and books about the theme chosen. During reconstruction of the identity of a group or ethnicity, we found several resources such as books, testimonials, photographs, other entity, that tell our story. We decided to use photography as supporting this research, since the memory alone is not enough to search for past events. Through the knowledge of our past can we understand our history and discover more about ourselves, thereby affirming our identity. The love for the city of my birth and the desire to know my identity was one of the reasons for this research. Through photographs investigated what they reveal about the cultural identity of Nova Veneza, as well as traditions of the ancestors of the inhabitants of the city. I believe this route will strengthen and broaden my culture and discoveries about my identity.

**Keywords:** Photography, Culture, Identity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Estado de Santa Catarina (em destaque a cidade de Nova Veneza).....	12
Figura 2 – Casas de Pedras em Nova Veneza.....	13
Figura 3 – Antiga ponte de ferro em Nova Veneza.....	32
Figura 4 – Bodas de Diamante de Maria e Valentin Damiani, em 1976.....	33
Figura 5 – Inauguração da Escola Isolada de Rio Guarapari.....	33
Figura 6 – Bodas de Ouro de Maria e Valentin Damiani, em 1966.....	34
Figura 7 – Homenagem a Maria e Valentin Damiani em suas Bodas de Ouro, em 1966.....	35
Figura 8 – Casamento de Nelson Mondardo com Salete Damiani.....	35
Figura 9 – Maria e Ângelo Damiani com alguns filhos, em 1960.....	36
Figura 10 – Festa de Ordenação Sacerdotal de Otávio Destro, em 1962.....	37
Figura 11 – Primeira Eucaristia de Ivonete e Hélio Damiani, em 1964.....	37
Figura 12 – Primeira Eucaristia de Enio Damiani, em 1966.....	38
Figura 13 – Primeira Eucaristia de Vanderlei Damiani, em 1973.....	38
Figura 14 – Vanice e Ivonete Damiani, em 1972.....	39
Figura 15 – Ângelo Damiani no pátio de casa em Rio Guarapari – Nova Veneza, em 1973.....	39
Figura 16 – Casamento de Genésio Damiani e Rejane Mondardo, em 1974.....	40
Figura 17 – Noiva chegando à Igreja, em 1974.....	40
Figura 18 – Primeira Eucaristia de Cidenir Marcelo Damiani, em 1982.....	41
Figura 19 – Casamento de Ivonete e João Xisto Gava, em 1979.....	41
Figura 20 – Família da noiva, em 1979.....	42
Figura 21 – Mudança da noiva para a casa do futuro esposo, em 1979.....	42
Figura 22 – Giuseppe Gava e Rosa Cescon Gava.....	43
Figura 23 – Família de Giovanni Gava e Lúcia Tomazi.....	44
Figura 24 – Primeira Eucaristia de João Xisto Gava, em 1964.....	44
Figura 25 – Integrantes do Clube 4-S Sempre Unidos de São Bento Alto, 1972.....	45
Figura 26 – Clube 4-S Sempre Unidos em desfile, em 1972.....	46
Figura 27 – Integrantes do Clube 4-S em São Bento Alto, em 1972.....	46
Figura 28 – Amigos se encontram após casamento, em 1974.....	47
Figura 29 – Time de futebol da época, em 1974.....	47

Figura 30 – Casamento de João Xisto Gava com Ivonete Damiani, em 1979.....	48
Figura 31 – Os noivos com seus pais, em 1979.....	48
Figura 32 – Testemunhas do casamento convidados por Ivonete, em 1979.....	49
Figura 33 – Testemunhas do casamento convidados por João, em 1979.....	49
Figura 34 – Escola Isolada São José, em 1988.....	50
Figura 35 – Escola Isolada São José, em 1988.....	50
Figura 36 – Primeira Eucaristia de Joselito Damiani Gava, em 1990.....	51
Figura 37 – Crisma de Joselito Damiani Gava, em 1993.....	51
Figura 38 – 4ª série na Escola Isolada São Bento Alto, em 1996.....	52
Figura 39 – Foto para convite de formatura da 4ª série, em 1996.....	53
Figura 40 – Bodas de Ouro de Maria e Ângelo Damiani, em 2000.....	53
Figura 41 – Ângelo Damiani e seus netos, em 1986.....	54
Figura 42 – Festa de Ordenação Sacerdotal de Otávio Destro, em 1962.....	55
Figura 43 – Festa de Ordenação Sacerdotal de Otávio Destro, em 1962.....	55
Figura 44 – Família de Otilde Gava Damiani e Hercílio Damiani.....	56
Figura 45 – Bodas de Ouro de Marino Gava e Helena Damiani Gava, em 1986.....	56
Figura 46 – Casamento de Délzia e Jaime Gava, em 1976.....	57
Figura 47 – Maria e Ângelo Damiani dançando, em 1980.....	57
Figura 48 – Tardes de domingo.....	58
Figura 49 – Festa em família, em 1977.....	58
Figura 50 – Festa em família, em 1981.....	59
Figura 51 – Festa em família, em 1979.....	59
Figura 52 – Festa em família, em 1993.....	60
Figura 53 – Fábrica de produtos suínos Bortoluzzi.....	61
Figura 54 – Carro de boi.....	61
Figura 55 – Pesagem de arroz, em 1955.....	62
Figura 56 – Colheita de arroz, em 1955.....	62
Figura 57 – Porco de 432 quilos.....	62
Figura 58 – Touro do rebanho, em 1991.....	63
Figura 59 – João Xisto Gava, em 2010.....	63
Figura 60 – Ivonete Damiani Gava, em 2011.....	64
Figura 61 – Josieli Damiani Gava, em 2011.....	64

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 CULTURA E IDENTIDADE.....</b>	<b>16</b>
2.1 Cultura, Arte e Educação.....	22
<b>3 MEMÓRIA E IMAGEM FOTOGRÁFICA – A HISTÓRIA.....</b>	<b>25</b>
<b>4 LEMBRANÇAS QUE SE REFAZEM.....</b>	<b>32</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade onde constantemente lidamos com diferentes grupos e linguagens culturais. Tudo envolve cultura, o próprio sujeito é resultado da cultura. Ela contribui para a formação das novas gerações e para a construção da identidade de um povo. A cultura é uma somatória das experiências adquiridas ao longo da vida das pessoas, é o próprio homem com suas ideias, atitudes, hábitos, costumes, bens e artefatos.

Conhecer os fatos que envolveram nossos antepassados, seus sonhos, suas lutas, valores e esperanças, não se trata apenas de tentar compreender sua história, mas também descobrir mais sobre nós mesmos. Por meio destes fatos e histórias que podemos conhecer nossas origens e descobrir qual é a nossa história, a nossa identidade.

A história de cada sujeito tem um valor incomparável, impossível de ser avaliado. Porém, ela só terá significado se for conhecida e reconhecida por quem lhe pertence. Uma história é feita de sonhos, trabalho, lágrimas, esperança, fé, confiança e paixão. Ela se constrói como vida, por isso é fundamental conhecermos nossas origens, sabermos de onde viemos, quem somos, quem foram nossos antepassados, o que faziam, como chegamos onde estamos?

Para que possamos entender melhor a construção da identidade de um povo e de um ser humano, buscamos a contribuição de Stuart Hall, onde ele nos diz que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. (2005, p. 38). Portanto, ela está sempre em processo de transformação.

Elas são construídas de acordo com a história que o grupo social que a constrói pretende sinalizar a cada novo momento de sua trajetória.

Dentro desta perspectiva na busca da reconstrução da identidade de um grupo ou etnia, encontramos alguns recursos para recontar a história e nos propomos utilizar como ferramenta de apoio nessa pesquisa, a fotografia, por entender que a memória às vezes por si só não dá conta dessa busca. Ela é uma ferramenta capaz de buscar a memória histórica e cultural de uma cidade, de um povo ou de uma nação.

Sou natural de Nova Veneza (SC) e descendente de italianos – João Xisto Gava e Ivonete Damiani Gava. E por falar em descendentes, conforme histórias contadas em minha família, meu bisavô Valentin Damiani (mais conhecido como “Nelo”) foi o primeiro imigrante italiano a nascer no Brasil. Seus pais chegaram da Itália em junho de 1891 e sua mãe estava grávida de cinco meses. Nono Nelo nasceu em outubro do mesmo ano. Era o segundo filho de uma família composta por sete irmãos, destes, cinco homens e duas mulheres.

Na chegada da Itália, moraram no Morro da Miséria, hoje Distrito de Caravaggio, em Nova Veneza. Nunca foi para a escola. Com seis anos foi trabalhar com Padre Miguel Giacca em uma olaria que ficava localizada próximo de onde é hoje o Pórtico de Entrada da cidade. Parte dos tijolos produzidos serviram para construir a atual Igreja Matriz São Marcos. Mesmo não tendo frequentado a escola, Padre Miguel Giacca lhe ensinou a ler e escrever.

Casou-se com Maria Bortolotto e moraram por alguns anos no centro de Nova Veneza e após vieram morar na comunidade de Rio Guarapari, pertencente ao município de Nova Veneza. Dessa união tiveram treze filhos, seis homens e sete mulheres. Dos treze, seis ainda estão vivos, inclusive meu avô materno, Ângelo Damiani, que foi quem me relatou essa história.

Nono Nelo passou a vida trabalhando na olaria e na lavoura e seu lazer era jogar bocha. Ele morreu em dezesseis de agosto de 1982, com 91 anos.

Nasci em 1985 e fui criada na comunidade de São Bento Alto, interior da cidade de Nova Veneza. Por cinco anos morei na cidade de Criciúma (SC) onde fui em busca de qualificação no curso de Graduação em Artes Visuais da Unesc. Hoje retornei à minha cidade natal e trabalho como secretária e professora de Informática na Escola Municipal Augusto Mondardo, que fica em meu bairro.

A região Sul de Santa Catarina, com razão, é chamada de “Pequena Itália”. Foi ali que se concentrou, num primeiro momento, o esforço de colonização. Os imigrantes – vindos das regiões de Treviso, Vêneto, Lombardia, Verona, Mântua, Belluno – desembarcavam no porto de Laguna e eram levados até Tubarão pelo rio. E faziam o restante do percurso por picadas e trilhas, a pé ou em lombo de burros e cavalos, para chegar aos lotes de terras em Tubarão, Urussanga, Araranguá, Nova Veneza, Siderópolis, Orleans, Pedras Grandes, Criciúma... (ZOTZ, 2002, p. 87).

Nova Veneza é um município brasileiro do estado de Santa Catarina. Sua população estimada em 2008 era de 13.032 habitantes<sup>1</sup>. Suas principais atividades econômicas são a agricultura (cultivo de arroz e milho), a avicultura (criação de frangos) e a indústria que é representada por empresas nos setores metalúrgicos e do vestuário.

Sua localização fica ao sul do estado, na microrregião de Criciúma, a 215 km de Florianópolis, com uma área de 293,557 km<sup>2</sup>, com altitude de 74 metros acima do nível do mar e tendo como municípios vizinhos as cidades de Siderópolis ao Norte, Criciúma a Leste, Forquilha e Meleiro ao Sul e a Oeste com Bom Jardim da Serra, São José dos Ausentes no Rio Grande do Sul e Morro Grande. (GAVA, 2007, p. 16).



Fig. 1 – Mapa do Estado de Santa Catarina (em destaque a cidade de Nova Veneza).  
Fonte: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d0/SantaCatarina\\_Municip\\_NovaVeneza.svg/800px-SantaCatarina\\_Municip\\_NovaVeneza.svg.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d0/SantaCatarina_Municip_NovaVeneza.svg/800px-SantaCatarina_Municip_NovaVeneza.svg.png). Acesso em: 18/10/2011.

A cidade foi fundada pelo empresário italiano Miguel Napoli, nascido em 13 de abril de 1854.

Num total de 400 famílias, os imigrantes italianos chegaram à Nova Veneza em junho de 1891. Miguel Napoli chegou ainda em janeiro e comandou a abertura de estradas, a demarcação das terras e a construção de uma serraria.

De acordo com a autora Gava:

---

<sup>1</sup> Segundo dados localizados em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Veneza\\_%28Santa\\_Catarina%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Veneza_%28Santa_Catarina%29). Acesso em: 04/10/2011.

Entre os primeiros colonizadores de Nova Veneza destacaram-se Bartolomeu Dal Moro, Bortolo Bortoluzzi, Alfredo Pessi e outros. Em outubro, chegaram mais 500 famílias de italianos, oriundos das regiões de Veneza e de Bergamo, e fundaram a Colônia Nova Veneza. (GAVA, 2007, p. 18).

É válido registrar que não foram somente famílias italianas que colonizaram a cidade, conforme registro<sup>2</sup> localizado na Praça Humberto Bortoluzzi em Nova Veneza, junto ao Monumento ao Imigrante, que presta homenagem às famílias colonizadoras, se encontra a seguinte lista de famílias teuto-lituanas:

Anderman, Backes, Borget, Box, Dysner, Frischenbruder, Grotman, Jakobsen, Junkes, Kauling, Kesting, Klava, Klavin, Loch, Michels, Nuernberg, Preis, Schimtz, Schneider, Scolmester, Stanger, Stainer, Strober, Warmeling, Waterkemper, Wessler.

As primeiras casas construídas pelos imigrantes eram provisórias, feitas com madeira rústica. Anos mais tarde surgiram casas com madeiras mais nobres, onde a cozinha ficava separada dos demais cômodos para evitar incêndios, pois o fogão a lenha permanecia aceso quase que sempre. Com o tempo os colonizadores construíram casas com pedras encontradas na época em abundância na região. As edificações eram tão firmes que hoje em dia muitas ainda resistem.



Fig. 2 – Casas de pedras em Nova Veneza, construídas em 1880.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. (2007).

---

<sup>2</sup> Placa de bronze com a inscrição dos sobrenomes de diversas famílias colonizadoras.

Ela foi a primeira colônia do Brasil República. E nasceu exatamente do desejo e da empolgação que animava os primeiros instantes da recém implantada República: era preciso povoar o vasto território nacional, dar um salto para o progresso. Para isso a república havia sido proclamada. E Nova Veneza foi o projeto modelo desse propósito. Protótipo a ser adotado em todo o país. (BORTOLOTTI, 1992, p. 1).

O amor pela cidade em que nasci e o desejo de conhecer minha identidade italiana, bem como ficar próximo das origens foi um dos motivos para realizar esta pesquisa. Por isso busco investigar, por meio das fotografias, o que elas revelam sobre a identidade cultural da cidade de Nova Veneza, bem como identificar usos e costumes dos antepassados dos moradores da cidade. Diante desta pesquisa acredito que esse percurso fortalecerá e ampliará minha cultura e descobertas sobre minha identidade.

Quero também com este trabalho, colaborar com a história e a investigação de futuros pesquisadores, para que encontrem aqui informações necessárias para a pesquisa, seja ela de cunho acadêmico ou apenas para ampliar o conhecimento pessoal.

Para alcançar estes objetivos analisei as fotografias fornecidas por moradores antigos da cidade de Nova Veneza e pesquisei em livros e trabalhos acadêmicos que falem sobre a temática de cultura e identidade cultural.

Optei por analisar as fotos de parentes mais próximos e momentos de minha infância, por isso utilizei fotografias de meu acervo pessoal, do acervo de meus pais, de meu avô materno e algumas encontradas na internet.

Quando procurei meu avô para pedir as fotos emprestadas e pedir que me falasse alguns dados sobre seu pai (Nono Nelo) e sobre sua vida, ele ficou muito contente. Era visível em seu rosto a alegria por poder compartilhar fatos históricos e contribuir com essa pesquisa. Acredito que com seus 88 anos ele estava feliz por se sentir útil, visto que muitas pessoas com essa idade entram em depressão por acreditar que não servem para mais nada. Tivemos algumas horas de conversa relembrando fatos passados e ampliando meu conhecimento acerca da história de meus antepassados.

Em meus pais a reação foi parecida. Ficaram muito felizes em contribuir com suas lembranças, porém demonstrando certa vergonha, por suas fotografias estarem anexo a pesquisa.

Nos dois casos, durante as conversas ficou visível a alegria em lembranças de momentos felizes e a tristeza por momentos tristes e difíceis. Pude perceber também como alguns momentos marcam nossa vida de uma maneira tão intensa, que passados vários anos, eles lembravam com detalhes o que havia acontecido em determinado momento.

No decorrer desta pesquisa, você encontrará informações a respeito de cultura, identidade, arte, educação e fotografia. Apresentarei também as fotografias pesquisadas situando o leitor sobre o que representa cada imagem.

## 2 CULTURA E IDENTIDADE

A tradição pela qual se transmite a cultura, impregna desde a infância o nosso corpo e a nossa alma, de maneira indelével.

*Jean-Pierre Warnier*

Ao falar sobre identidade, buscamos no autor Stuart Hall (2005) as concepções de sujeito para entendermos as diferenças estabelecidas. Ele nos apresenta três concepções: a) o sujeito do Iluminismo. b) o sujeito sociológico. c) o sujeito pós-moderno.

Na primeira concepção o sujeito tinha como base um indivíduo centrado, dotado de razão, que consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez no nascimento do sujeito e com ele se desenvolvia, permanecendo essencialmente o mesmo.

Posteriormente surge o sujeito sociológico, onde ele refletia a “consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele” (Hall, p. 11), que mediavam para o sujeito a cultura do mundo em que habitava.

Já o sujeito pós-moderno é diferente dos dois conceitos anteriores. Esse sujeito não é caracterizado por uma identidade fixa ou permanente.

Hall também nos diz que

a identidade é formada na “na interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2005, p. 11)

A identidade fixa, completa, unificada não existe. Ela permanece sempre incompleta, por isso está sempre em processo de formação. Ela é construída numa relação do passado com o presente. Segundo a autora Schilling,

A identidade cultural está relacionada à cultura nacional, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas. Mas essa mesma identidade está ligada ao outro, à alteridade, isto é, àquelas outras culturas das quais a nossa se distingue e separa. Essa identidade, na verdade, é construída, não é uma característica genética, hereditária, ao contrário, é formada e

transformada no interior de uma representação. (SCHILLING, 2007, p.24).

Ela surge dos acontecimentos individuais e dos acontecimentos da história do grupo e da cultura que faz parte. Identidades são fontes de significados e experiências de um povo.

Para o autor Brandão

Por existir dentro de uma área entre fronteiras científicas, acontece com a categoria *identidade* o mesmo que vimos acontecer com a de *pessoa*. Entre psicólogos clínicos e psicanalistas, *identidade* pode ser um conceito que explique, por exemplo, o sentimento pessoal e a consciência da posse de um *eu*, de uma realidade individual que a cada um de nós nos torna, diante de outros *eus*, um sujeito único e que é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade. A consciência de minha continuidade em mim mesmo. (BRANDÃO, 1989, p. 37).

O homem é sujeito envolto em crenças e símbolos que adquire de sua cultura e do meio em que vive. E segundo Delgado (2006, p. 47), “identidades referem-se a atributos culturais, simbologias, experiências, hábitos, crenças, valores. Remete a um elenco de variáveis em permanente construção”.

De acordo com Erikson

Quando pretendemos estabelecer a *identidade* de uma pessoa, nós perguntamos qual o seu nome e que posição ela ocupa em sua comunidade. *Identidade pessoal* significa mais: inclui um sentimento subjetivo de continuidade da existência e uma memória coerente. (ERIKSON, 1968 *apud* BRANDÃO, 1986, p. 38).

Ela é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes e é definida como o conjunto dos repertórios de ação, língua e de cultura que permitem a um indivíduo reconhecer sua ligação a certo grupo social e identificar-se com ele. Podemos identificar um grupo até pela comida, que é uma representação simbólica de uma etnia, assim como a língua. Podemos então dizer que a comida é cultura, pois ela produz identidades.

Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias. (SILVA, 2007, p.42).

A identidade é marcada por meio de símbolos, usos e costumes que adotamos ao nosso dia-a-dia, à nossa vida.

Para Silva (2007, p.10) “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”.

Podemos inferir que ela também é marcada pela diferença, mas muitas vezes, algumas diferenças são consideradas erroneamente mais importantes que outras. Por exemplo, quando uma pessoa afirma que a sua cultura é mais importante do que a cultura de outros povos. Dentro do contexto, tanto uma como a outra são de enorme valor para a construção de suas respectivas identidades.

Segundo Schilling (2007, p. 11), “a identidade cultural não é uma forma fixa e congelada, mas um processo dinâmico, enriquecido por meio do diálogo, das trocas e muitas vezes do confronto com outras culturas”.

Essas trocas e confrontos culturais propiciam uma maior ligação entre os grupos.

E por falar em cultura, vivemos em uma sociedade onde constantemente lidamos com diversos grupos e linguagens culturais. O próprio sujeito é resultado da cultura. Para Bendo,

Nosso país é riquíssimo em cultura, conhecimento e vivências. Tanto que fracionando-o em regiões, poderíamos dizer que temos todas as raças dentro de nosso país, aqui habitam desde índios que vivem isolados e nus no meio da selva até o mais fino trato de culturas estrangeiras, temos desde o calor dos trópicos até paisagens congeladas com visões européias. (BENDO, 2010, p. 15).

Schilling traz a definição de cultura ao citar Giroux em seu livro *Os professores como Intelectuais*:

Por cultura compreendemos os princípios de vida compartilhados característicos de classes, grupos ou ambientes sociais particulares. As culturas são produzidas à medida que os grupos compreendem sua existência social no curso de sua experiência cotidiana. A cultura, portanto, está em íntima relação com o mundo da ação prática. Ela é suficiente, na maior parte do tempo, para administrar a vida cotidiana. Entretanto, como este mundo cotidiano é por si mesmo problemático, a cultura deve obrigatoriamente assumir formas complexas e heterogêneas, de forma alguma livres de contradições. (GIROUX, 1997 *apud* SCHILLING, 2007, p. 19).

Kroeber considera que:

a cultura, mais do que a herança genética determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. É um processo acumulativo resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. (KROEBER *apud* LARAIA, 2006, p. 48-49).

Segundo Jean-Pierre Warnier (2003) a cultura caracteriza-se como um modo de transmissão chamado de tradição, que é o que persiste de um passado no presente em que ela é transmitida. Presente em que a cultura continua agindo e sendo aceita pelos que a recebem que por sua vez a transmitem ao longo das gerações. A tradição e a cultura, desde a infância, nos deixam marcas que não se apagam.

A vivência dessa tradição é que nos imprime uma identidade, nos autoriza uma identificação com o outro, seja na gastronomia, nas manifestações culturais ou no próprio uso da linguagem.

De acordo com Schilling (2007, p. 20), “entendemos, portanto, que a cultura é a representação de um povo. É por meio dela que conhecemos e procuramos reconstruir a história e a identidade de cada grupo social”.

Podemos então dizer que cultura é um estilo próprio de cada povo, uma identidade, e sua transmissão ocorre de geração em geração. Sendo que a cultura está para todos, independentemente de formação escolar ou situação econômica, não existe uma cultura superior ou inferior. Ela faz parte de um mundo que é vivido por todos, reunindo as experiências vividas e as realizações humanas que caracterizam uma sociedade. Ela é construída através da história e representa o que cada grupo social busca para construir a sua própria história, a sua vida. A construção da identidade abrange a identificação das similitudes e das diferenças que situam o ser humano em relação aos grupos que o cercam.

Outro aspecto da identidade está relacionado com a globalização e sua influência sobre a identidade cultural. Marx nos diz que a modernidade:

é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar... (*apud* HALL, 2005, p. 14).

Com o surgimento da globalização, as antigas fontes de base da identidade (a família, a Igreja, o trabalho, etc.) estão em crise. Novos grupos aparecem, buscando

consolidar suas identidades e também questionam a posição das identidades até então supremas. No misto de transformações do mundo moderno, como evolução dos computadores e da internet, costumes e tradições seculares estão sendo esquecidas, desaparecendo com o passar dos anos. Juntamente com o processo de globalização, ocorre o fenômeno da resistência, a reafirmação das identidades.

O fenômeno da globalização cria uma interação entre fatores econômicos e culturais, trazendo mudanças nos padrões de consumo e produção, que por sua vez, produzem novas identidades globalizadas. Essas identidades formam um grupo de consumidores que mal se distinguem entre si, pois o que está na moda é o que está na mídia. Quanto mais nossa vida é influenciada pelo mercado global de estilos, mais as identidades ficam soltas e desalojadas. Porém, nesse processo de globalização podemos perceber a riqueza cultural de cada um, pois segundo Kramer

Enfrentar aquilo que talvez seja um dos mais pesados e difíceis problemas da nossa própria condição humana e que é, sem dúvida, um dos maiores desafios deste século: a dificuldade de aceitar as diferenças e de reconhecer que aquilo que caracteriza nossa singularidade é justamente nossa pluralidade. (*apud* REDDIG, 2007, p. 34).

O homem contemporâneo vive em um mundo em que as novidades aparecem a cada instante. Transformações nas identidades culturais, de classe, de sexualidade nos fazem questionar: quem somos nós? Devemos nos conscientizar de que a diferença é uma riqueza e não um problema. Só por meio dela conhecemos outros povos e outras culturas. Todas as pessoas são únicas. Reconhecer a diferença é uma oportunidade de construir valores, entender e respeitar as culturas alheias e reconhecer a nós mesmos.

Quase todo mundo fala agora sobre "identidade". A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. (Mercer *apud* SILVA, 2007, p. 19).

Ao mesmo tempo em que essas novas identidades podem ser desestabilizadas, elas também podem ser desestabilizadoras. Muitos dos costumes e valores de nossos antepassados estão esquecidos e modificados. Como ir à Igreja todo domingo, por exemplo.

O que difere as sociedades modernas das tradicionais é que elas estão sempre em mudança constante, rápida e permanente. Segundo Giddens (*apud* Hall, 2005, p. 14), “nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações”.

Segundo Silva (2007, p.39) “a identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença”. O autor ainda acrescenta que “assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”.

Para Brandão,

o diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou”. (BRANDÃO, 1986, p. 7).

A diferença e a identidade caminham juntas numa relação de dependência. Só afirmamos nossa identidade, pois no mundo existem outras pessoas com identidades diferentes da nossa. A globalização foi o que produziu essa diversidade entre os grupos sociais.

Brandão ainda nos fala que

as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; por se ter de estar em contacto, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria a seu mundo de símbolos e, no seu interior, aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a maioria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por *contraste*, mas o próprio reconhecimento social da *diferença*. A construção das imagens com que sujeitos e povos se percebem passa pelo emaranhado de suas culturas, nos pontos de intersecção com as vidas individuais. (BRANDÃO, 1986, p. 42).

A sociedade pós-moderna é descentrada, ou deslocada e é caracterizada pela diferença, que por sua vez produz várias identidades. Se fôssemos todos iguais, não teríamos motivos para afirmar nossa identidade. Haveria apenas uma única identidade. O confronto com o outro nos autodefine.

Para Schilling (2007, p. 27), “a identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social”. A identidade é uma característica única de cada pessoa, sendo assim, é por meio dela que nos

apresentamos como sujeitos ao mesmo tempo em que nos diferenciamos das outras pessoas. Ela está ligada ao contexto de cada indivíduo e sofre mudanças e transformações, onde novas identidades são criadas ou reconstruídas. Essa transformação ocorre na medida em que as culturas entram em contato com agentes externos.

Desse modo fica difícil conservar as identidades intactas, sem sofrer nenhuma alteração. A partir do momento que perdemos um sentido de vida, precisamos de outro, procurando novos rumos, novas metas a traçar. Essa procura faz com que reconstruamos nossa identidade, o que fica claro por meio desse processo, que a identidade nunca está completa, está sempre em construção.

## 2.1 Cultura, Arte e Educação

Relembrar nossa história e nossa cultura é educar nosso futuro.

*Padre Amilcare Gabrielli<sup>3</sup>*

Em seu nascimento o ser humano recebe uma herança cultural que lhe transmite hábitos e costumes do grupo em que vive, porém no decorrer de sua existência, amplia seus horizontes e passa a ter novas influências e novos contatos: com grupos diferentes em hábitos, costumes ou modos de agir e pensar. Dessa forma, o homem adquire novos valores e elementos culturais. Podemos dizer que nas crianças, esse novo contato inicia em seu primeiro dia de aula, onde encontrará um novo universo, com professores, funcionários, e colegas, possibilitando ampliar sua cultura. Segundo Schilling (2007, p. 20), “a cultura é a fonte que sustenta o processo educacional para formar seres humanos e consciências”.

Para que possamos ter a compreensão da existência humana ou de uma determinada sociedade, é necessário que sua cultura seja sempre cultivada e lembrada. Para que a cidade de Nova Veneza não perca seus aspectos culturais é necessário que as pessoas conheçam, valorizem e preservem sua cultura. A escola não deve ser apenas transmissora de conhecimentos e cultura. Ela traz o conhecimento acumulado pela humanidade, mas também oportuniza o

---

<sup>3</sup> Padre da Paróquia de São Marcos em Nova Veneza por mais de 50 anos. Amilcare Gabrielli era seu nome de batismo, conhecido por seus fiéis como Amílcar Gabriel.

desenvolvimento de sujeitos que agem, refletem, transformam e criam novas situações, novos símbolos, novas culturas. A autora Schilling afirma que

Para dar conta dessa diversidade cultural, a educação assume um papel fundamental nesse processo. É por meio da cultura que a educação busca subsídios para promover cidadãos críticos e participativos, numa sociedade que caminha cada vez para a multiculturalidade. (SCHILLING, 2007, p. 30).

Dessa forma, a escola deve ser um local de aprendizagem onde os diferentes vivam em igualdade, sabendo aceitar e valorizar a cultura de cada indivíduo.

A educação em arte proporciona ao sujeito o desenvolvimento de seu pensamento crítico e da percepção estética. Realizando e apreciando suas atividades artísticas e dos colegas, a criança desenvolve sua criatividade, sensibilidade, percepção e imaginação.

#### Segundo Gava

O ato de aprender arte envolve muitas ações no caminho da aprendizagem como fazer, apreciar e refletir sobre a produção social e histórica da arte, contextualizando os objetivos artísticos e seus conteúdos. O ensino da arte propicia ao aluno o desenvolvimento das capacidades de ver, ouvir e interpretar as qualidades dos objetos artísticos e das manifestações culturais contextualizando com a vida do indivíduo. (GAVA, 2009, p. 14).

A arte está inserida na história da humanidade desde os primeiros habitantes que desenhavam nas paredes das cavernas como forma de comunicação. A escola por sua vez traz o ensino da arte, como sendo um conhecimento essencial ao ser humano.

Gava (2009, p. 15) ainda nos fala sobre a importância da arte como conhecimento, considerando o destaque que é dado na L.D.B. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394) de 20 de dezembro de 1996 que estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Dessa forma, é garantido por lei o acesso de todos a esse saber.

Arte e cultura estão ligadas entre si. Tanto uma como a outra são necessárias para a construção da identidade de um povo, de um grupo social. Não apenas para a construção de uma identidade, mas também para o reconhecimento e a

valorização de culturas e identidades diferentes da nossa, onde descobrimos que existe um outro e esse outro é diferente em cor, raça, religião, costumes, linguagem, etc.

A escola tem o papel de preparar o aluno para a convivência com essas diferentes culturas. Conhecer a cultura é importante para a formação do indivíduo. Devido à forte ligação entre arte e cultura, posso dizer que o ensino da arte constitui um espaço privilegiado para o estudo da cultura. Surge então a necessidade de recorrermos ao que ainda perdura com a passagem do tempo: a memória. É ela que guarda as informações por tempo ilimitado, e juntando-se às vivências, elas se transformam em conhecimentos adquiridos ao longo do tempo.

De acordo com Bendo (2010, p. 55), “a cultura que nos marca e por vezes nos molda, tem a capacidade de revelar o agir do homem, seu modo de pensar, seus costumes e suas crenças”. A autora ainda nos fala que

Todo homem carrega com ele a sua história, aquela que não se apaga, nem se perde, mas que pode ser esquecida se não é criado algum dispositivo de memória, ou se não é transmitida, dividida, repassada e reconstruída com os outros. (BENDO, 2010, p. 61).

E para transmitir e reativar a memória muitas vezes recorreremos à imagem, seja ela um desenho ou uma fotografia. A imagem é um meio de comunicação, é também por meio dela que recontamos nossa história, mantendo viva a nossa memória.

Valorizar e manter viva suas tradições é importante, assim como também é importante que as pessoas conheçam outras culturas, outras tradições. Dessa forma, o sujeito poderá estabelecer relações dos valores que estão enraizados em seu modo de agir e pensar, tomando para si o que é importante de acordo com sua vivência.

### 3 MEMÓRIA E IMAGEM FOTOGRÁFICA – A HISTÓRIA

A memória nada mais é do que uma construção do passado, que se atualiza e se renova no presente em que vivemos.

Ela nos possibilita voar e viajar através do tempo, e também faz com que o passado reviva e traga uma imensidão de significados para o presente.

A memória revela fundamentos da existência, nos fornecendo significados e evitando desta maneira que a humanidade perca sua cultura e identidade.

Segundo Lucília Delgado (2006, p. 46), “são as vozes do passado atualizadas no presente que presenteiam o futuro com a fonte essencial da vida: a memória”.

Para Marilena Chauí (1995, p.125 *apud* DELGADO, 2006, p. 38), “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”.

A memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento constitutivo do auto-reconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como uma família”. (DELGADO, 2006, p. 38).

A história oral tem a memória como base de suas narrativas, mas também utiliza a música, a literatura, as lembranças, as fotografias, os documentos, entre outros. Por meio da história oral temos um maior conhecimento histórico. Delgado ressalta que

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. (DELGADO, 2006, p. 16).

Por meio do ato de relembrar, temos que ter o cuidado de não confundir o presente com o passado. Algumas pessoas ainda vivem o passado e esquecem que a vida é o agora, nosso verdadeiro presente.

Histórias que não conhecemos e momentos que não vivemos podem chegar até a gente por meio da memória dos mais idosos. Este é mais um motivo para que

respeitamos e ouçamos as pessoas mais velhas, pois tendo vivido mais tempo que a gente, elas estão carregadas de experiências e lembranças.

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa até o tempo de vida individual. Por meio de relatos de experiências familiares, de crônicas que registram o cotidiano de tradições, de histórias contadas através de gerações e de inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que aconteceu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se o tempo presente, e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (DELGADO, 2006, p.40).

A memória procura resgatar o passado para servir de exemplo ao presente e ao futuro. A autora Lucília Delgado ainda nos traz que

Na antiga Grécia, a memória tinha uma função considerada prioritária: conferir imortalidade ao ser humano. Ou seja, integrá-lo ao tempo através da história, fazendo do passado suporte do presente e potencialidade do futuro em decorrência, a memória era considerada como possibilidade de atualização do passado. Além disso, tinha a função de registro do presente, evitando-s que o esquecimento se impusesse no futuro. (DELGADO, 2006, p. 47).

As pessoas quando contam sua história, muitas vezes recorrem a objetos antigos guardados, como jornais, cartas, fotografias, entre outros recursos que contribuem para dar vida à sua memória. De acordo com Delgado,

A memória social ou histórica é fixada por uma sociedade através de seus mitos fundadores, de relatos, registros, depoimentos, testemunhos. São as vozes da memória expressas por diferentes tipos de registro como: narrativas, filmes, fotografias, telas, esculturas, imagens, livros, músicas, monumentos, peças publicitárias, documentários, relíquias. (DELGADO, 2006, p. 47).

Dentre as manifestações importantes da memória coletiva, destacam-se dois fenômenos. O primeiro, logo após a Primeira Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. E o segundo:

é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. (GOFF, 1996, p. 466).

Segundo Mota (2009, p. 15) “a palavra fotografia traz sua origem no grego que significa “luz” e “escrita”. Resume-se que a fotografia é o resultado de um processo que converte luz em imagem”. A fotografia teve seu início em Paris no ano de 1839 com a descoberta de Daguerre, porém no Brasil, Hércules Florence que morava a quinze anos em Rio de Janeiro, declara que desde 1833 já havia conseguido bons resultados de impressões com suas experiências. E como o ser humano ela também se desenvolve, amadurece e se redescobre. É uma imagem imóvel que ao mesmo tempo mexe com a alma de quem a observa. Por meio dela mostramos para as novas gerações, parte de nossa história. Por causa dela viajamos além de nossa imaginação e descobrimos que a fotografia e o homem não param, estão sempre interagindo com o tempo e com a vida.

Segundo Andrade (2002, p. 35) “exige-se exatidão científica e uma reprodução fiel da realidade em obras de arte, o que desperta olhares para a fotografia”. É a arte de copiar a realidade.

A fotografia expressa o real, por isso ela é vista em alguns casos como uma prova suficiente para dar veracidade ao que é visto.

Nos estúdios fotográficos cresce a busca por fazer-se retratar e poder admirar a própria imagem. O que desencadeia uma democratização do retrato, bem mais acessível financeiramente do que pinturas a óleo, que até então era um privilégio somente da burguesia. Dessa maneira, alguns pintores sem muito sucesso transformam-se em fotógrafos retratistas e acabam enriquecendo com essa nova técnica. O fato de industrializar e comercializar a arte acaba sendo uma das principais razões da fotografia sofrer discriminação.

A invenção da fotografia provocou diversas reações como espanto, medo e indignação. Ela já nasce provocando conflitos entre artistas e intelectuais. Segundo Andrade (2002, p. 31), a invenção da fotografia não agrada a todos. “A fotografia, no entanto, é apenas uma imitação, uma reprodução; registra paisagens, acontecimentos, sem chegar ao que eles realmente são, afirma Lévi-Strauss”. Para ele a fotografia é “mecânica e documental” e não pode ser considerada como arte.

Ela é uma expressão da verdade e ajuda a garantir a preservação da memória. Ela também faz parte de um processo onde se recebe e se transmite informações. A imagem fixa obtida pela fotografia é capaz de narrar sentimentos e sensações capturados no momento em que a fotografia foi tirada. Se analisarmos profundamente uma imagem, podemos perceber que ali não existe apenas um

registro da realidade, mas também uma cumplicidade do fotógrafo com a cena fotografada. Segundo Andrade (2002, p. 48), “a fotografia, no entanto, é espelho da memória: imobiliza nossa imagem para sempre”. Elas guardam características de como eram e como viviam os moradores antigos de uma cidade. Elas são um importante documento histórico.

Apreciar uma fotografia é sempre um momento de prazer. Contemplamos fotografias de pessoas ou lugares que conhecemos e que nos remetem a recordações do nosso passado, como também admiramos imagens que não possuem nossa presença, nem algum aspecto que conhecemos como fotografias de uma festa que não participamos ou de lugares que nunca fomos. A fotografia tem o poder de exercer uma atração sobre aqueles que a olham.

Porém a fotografia não se resume apenas na contemplação estética. Ela também nos traz a possibilidade de reconhecer ou conhecer o real. As imagens de ontem levam ao futuro certas representações do presente.

Vílem Flusser no DVD “Fotografia: o exercício do olhar” comenta sobre a semelhança de um fotógrafo com um caçador:

Quem observar os movimentos de um fotógrafo munido de aparelho (ou de um aparelho munido de fotógrafo) estará observando movimento de caça. O antiqüíssimo gesto do caçador paleolítico que persegue a caça na tundra. Com a diferença de que o fotógrafo não se movimenta em pradaria aberta, mas na floresta densa da cultura. (FLUSSER, 2005, p. 3)

Nos dias atuais, mesmo com o surgimento dos sistemas digitais de captação e processamento da imagem, o olho humano continua em caça na floresta cultural.

Também no DVD “Fotografia: o exercício do olhar”, o fotógrafo Rubens Fernandes Júnior considera a fotografia não como uma realidade, mas como uma visão parcial daquilo que consideramos realidade.

O conceito que perseguiu a fotografia nesses últimos 160 anos – que a fotografia é a realidade – não existe mais. A fotografia nunca foi o real. A fotografia nunca será o real. (...) Ela nunca foi a realidade, ela sempre foi uma visão bastante parcial daquilo que a gente entende por realidade. (JÚNIOR, 2005, p. 5).

Flusser (2005, p.5) ainda comenta o equívoco de se considerar a fotografia como um registro perfeito da realidade. “Quem sabe escrever, sabe ler, logo, quem

sabe fotografar sabe decifrar fotografias. Engano”. A fotografia lida com o real, ela é um fragmento dessa realidade. E esse fato faz com que as pessoas penem que podem dar palpite na hora de fotografar, porém esse é um trabalho produzido por meio da sensibilidade e do olhar de cada sujeito. Várias pessoas podem fotografar o mesmo ambiente, mas nenhuma delas terá o mesmo resultado.

Todo grupo humano, cultura, cidade, acontecimento social ou qualquer outra coisa deveria ser fotografada, pois com o tempo poderão sofrer mudanças e se não forem registrados, podem sumir com o passar dos anos. Isso tudo deve ser captado pelas lentes das câmeras como parte da história de cada sujeito. Para Kossoy (2000, p. 129 *apud* MOTA, 2009, p. 21) tudo deve ser registrado, inclusive “a calma de certas ruas e o burburinho de outras, a moda, o gesto, um certo ritmo no andar, a malícia no olhar..., o comum e o suspeito, o explícito e o implícito”.

É por meio dessa linguagem visual que podemos transmitir informações sobre pessoas, locais ou acontecimentos. A força da imagem acaba nos passando sonhos, crenças, sentimentos. Dessa maneira, a imagem passa a ser um meio de comunicação tão importante quanto à oralidade.

Ainda de acordo com Andrade (2002, p. 38), “classificada por alguns ora como um simples instrumento de uma memória documental do real, ora como pura criação imaginária, a fotografia assume o papel de auxiliar a memória”.

Citamos aqui mais um trecho de Andrade, onde ela nos fala sobre a importância da fotografia:

Todas essas imagens nos levam a resgatar o prazer do instante, do momento presente e do ausente, daquilo que passou, mas que permanece na memória. Olhamos para fotografias para resgatar o passado no presente. Tiramos fotografias pra nos apropriarmos do objeto que desaparecerá. Existe uma magia quando imortalizamos as pessoas e o tempo nas fotos. Para as tribos urbanas, fotografias são como provas de sua existência, de sua identidade e história. (ANDRADE, 2002, p. 49).

Ela é um meio de expressão individual e também um instrumento utilizado para conhecer diversas culturas. Porém, por meio das fotografias ou de outros meios de lembrar a história, o resgate cultural pleno não é possível. Mesmo com gerações atuais que procuram aproximar-se da história de um povo, o resultado obtido é sempre um produto hibridizado, recriado com novas informações.

A memória assim como a fotografia é um recurso importante para que possamos transmitir as experiências ao longo dos anos. Para Delgado (2006, p. 50), “memória e história são processos sociais, são construções dos homens, que tem como referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade”.

O fotógrafo D. João O. Bragança considera a fotografia como “um fixador de memória”.

Buscamos as fotografias para lembrar o que ou quem está ausente. A identidade de cada sujeito depende da memória, e a fotografia tem o papel fundamental de identificar essa identidade, tanto para a autoafirmação como para o conhecimento da mesma.

A história e a memória têm a tarefa de tentar evitar que as pessoas percam referências fundamentais para que se construam as identidades coletivas, que mesmo elas estando sempre em construção, são peças importantíssimas para o autorreconhecimento do homem como sujeito de sua história.

Já para o fotógrafo Luis Humberto “a fotografia é um fragmento da realidade”.

Segundo Antonio Saggese a fotografia é “uma construção que é feita que apresenta alguma coisa mais do que representa alguma coisa”.

Conhecer o passado é um ato difícil de executar, mesmo quando bem documentado, em sua amplitude ele tende a se tornar fugitivo. Tentar recompor o passado integralmente é impossível, porém compreendê-lo por meio da história e dos diferentes tipos de fontes é um desafio que pode ser enfrentado.

Temos o passado como modelo para o presente. Por meio dele podemos reconhecer nossos erros e acertos e assim propormos algumas mudanças no presente.

Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado. (David Lowenthal *apud* DELGADO, 2006, p. 37).

A lembrança é o passado em vida e segundo Bosi (1994, p. 55), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir. Repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

Narrativas, sujeitos, memórias, histórias e identidades. É a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. É a história em construção. São memórias que falam. (DELGADO, 2006, p. 44).

As imagens servem para lembrar o passado. Perpetuá-lo por meio das fotografias para que as gerações futuras possam ter conhecimento de uma vida passada. Elas nos oferecem um fragmento de uma realidade já vivida. A busca pela construção e reconhecimento de sua identidade é o que motiva as pessoas a pesquisarem o passado em busca de lembranças que marcaram a história.

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de sua identidade, e tem na memória um fator de busca da história, um pilar para o autorreconhecimento. A memória é como uma colcha de retalhos onde os pedaços são diferentes, mas que depois de reunidos formam um todo uniforme.

#### 4 LEMBRANÇAS QUE SE REFAZEM

Apresento agora as fotografias que utilizei em minha pesquisa. Obtive vários registros, porém trago aqui as que puderam contribuir no desenvolvimento da pesquisa, bem como fotos de parentes próximos e de cunho histórico do município.

A grande maioria das fotografias estão sem data, acredito que antigamente não se tinha essa preocupação de registrar datas para a posteridade.

Chamou minha atenção também o grande número de registros de primeira eucaristia. Naquela época grande parte das fotografias eram feitas somente de acontecimentos importantes como casamentos, primeira eucaristia e festas religiosas. Não se tinha a facilidade que temos hoje em dia, onde qualquer pessoa com um aparelho celular pode tirar fotos de todo lugar em todo momento.

Apresento primeiramente fotografias da família de minha mãe.



Fig. 3 – Antiga ponte de ferro em Nova Veneza.

Fonte: <http://www.portalvенеza.com.br/memoria.php>. Acesso em: 26/01/2012.



Fig. 4 – Bodas de Diamante (60 anos de matrimônio) de Maria e Valentin Damiani. Na porta de casa com alguns netos. 1976.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 5 – Valentin Damiani (esquerda) soltando a fita de inauguração da Escola Isolada de Rio Guarapari.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Os italianos chegaram ao Sul do Brasil trazendo consigo a tradição vinícola e o espírito festivo. Alegres e hospitaleiros gostam muito de música e recebem os amigos sempre com sorrisos e abraços apertados.

O “nono”, sentado à cabeceira da mesa, mantém o ar sisudo, mas seus olhos brilham, enquanto vasculham todos os cantos do ambiente. Nos lábios, o sorriso contido de quem se acostumou a esconder certos “sentimentalismos”. As rugas do rosto e das mãos, mais os cabelos brancos, testemunham a passagem do tempo. Cada sulco evoca uma lembrança. Ao seu redor, os filhos e filhas já grandes, famílias formadas, os netos correndo no quintal. Todos falam alto, as risadas são muitas e estrondosas, as vozes se cruzam, mas eles se entendem. A “nona” bate palmas, avisando que a mesa – farta – está posta: massas, galinha, polenta e, claro, vinho!...(ZOTZ, 2002, p. 85).

Esta citação lembra a fotografia abaixo de 1966, mas que hoje ainda é comum em diversas famílias. Emocionei-me ao recordar minha infância descrita pela citação tal e qual ela era. Feliz e saudável!

No almoço de domingo, onde se reúne praticamente toda a família, que o povo não esquece sua cultura e seu jeito de ser.



Fig. 6 – Festa de Bodas de Ouro de meus bisavós, Maria e Valentim Damiani, em sua casa no ano de 1966.

Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 7 – Homenagem a Maria e Valentim Damiani, feita pelo genro mais velho do casal, durante a Festa de Bodas de Ouro, em sua casa no ano de 1966.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 8 – Casamento de Nelson Mondardo (*in memoriam*) com Salete Damiani. A noiva é filha de Hercílio Damiani, neta de Valentim Damiani (nono Nelo, de chapéu).  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 9 – Meus avós, Maria e Ângelo Damiani com 6 dos 9 filhos. Da esquerda para direita: Gênésio, Enio (no colo), Alírio (*in memoriam*), Ivonete (minha mãe), Hélio e Valentin. 1960. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Todo italiano da cepa era – e a maioria ainda é – “católico, apostólico, romano”. A religião, para os italianos e seus descendentes, era quase uma questão de estado, um assunto da máxima importância. A figura do padre extrapolava a função religiosa: a ele recorriam para resolver pendengas entre colonos, aconselhar casais, decidir litígios judiciais. E a maioria das famílias tinha orgulho em enviar um dos seus filhos para o seminário, para ser padre. (ZOTZ, 2002, p. 89).

Logo que tomavam posse das terras e faziam suas casas, a próxima tarefa era a construção de uma igreja, que geralmente ficava no alto de um morro e no centro do vilarejo. Mais tarde essas igrejas que eram feitas de madeira passaram a ser substituídas por igrejas de material.

A missa dos domingos era uma festa, pretexto para tirar do cabide o terno com colete, o chapéu de feltro, as saias compridas com babados coloridos, as blusas com rendas, os xales...Pretexto também para as conversas com os vizinhos e amigos, antes de retornar à casa para o almoço em família. (ZOTZ, 2002, p. 91).



Fig. 10 – Festa de Ordenação Sacerdotal de Otávio Destro (irmão de minha avó Maria Destro Damiani), em Araranguá. Na frente, de vestido, minha mãe Ivonete, do lado esquerdo seu irmão Enio e do lado direito (de bermuda preta) seu irmão Hélio. 1962.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 11 – Primeira Eucaristia de Ivonete (minha mãe) e seu irmão Hélio Damiani. 1964.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 12 – Primeira Eucaristia de Enio Damiani (meu tio). 1966.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 13 – Primeira Eucaristia de Vanderlei Damiani (meu tio). 1973.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 14 – Vanice Damiani e minha mãe, Ivonete Damiani (direita). Netas de nono Nelo. 1972.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 15 – Nono Ângelo Damiani no pátio de casa, em Rio Guarapari – Nova Veneza. Na primeira janela, sua esposa Maria e na segunda janela, sua filha Ivonete. 1973.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 16 – Casamento de Genésio Damiani com Rejane Mondardo, celebrado por Padre Amilcar Gabriel. 13 de julho de 1974.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 17 – A noiva Rejane Mondardo chegando à igreja ao lado da daminha e cunhada, Sônia Damiani. 13 de julho de 1974.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 18 – Primeira Eucaristia de Cidenir Marcelo Damiani. Primeiro neto e afilhado de meus avós, Maria e Ângelo Damiani. 1982. Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 19 – Casamento de meus pais, Ivonete e João Xisto Gava, na Igreja Matriz São Marcos de Nova Veneza, celebrado por Padre Amílcar Gabriel. 03 de fevereiro de 1979. Fonte: Ivonete Damiani Gava.



Fig. 20 – Família da noiva. Da esquerda para direita: Valdemiro, Hélio, Genésio, Sônia, Valentin, Ivonete, Ângelo, Enio, Vanderlei e Maria. 03 de fevereiro de 1979.  
Fonte: Ivonete Damiani Gava.



Fig. 21 – Mudança de minha mãe. De sua casa para a casa do futuro esposo. Na foto, meus pais abraçados, minhas tias Amélia Gava (freira) e Sônia Damiani, e ao fundo meus avós Ângelo e Maria. 01 de fevereiro de 1979.  
Fonte: Ivonete Damiani Gava.

Sigo agora apresentando fotografias da família de meu pai, João Xisto Gava, tais como seus antepassados, encontros da época e seu casamento.



Fig. 22 – Giuseppe Gava e Rosa Cescon Gava (sentados), casal patriarca dos Gava da nossa região, com os filhos (direita/esquerda) Giovanni (meu bisavô), Andrea, Luigi e Antônio.

Fonte: <http://www.portalvенеza.com.br/memoria.php>. Acesso em: 26/01/2012.



Fig. 23 – Família de Giovanni Gava e Lucia Tomazi. Em pé da esquerda para direita: Otávio, Júlio, Humberto (meu avô), Mário, Ezílio, Marino, Natal e Luiz. Sentadas da esquerda para direita: Otilde, Irmã Maria, Lucia (minha bisavó), Elisa e Assunta. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 24 – Primeira Eucaristia de meu pai, João Xisto Gava. 1964. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Na foto acima, ao lado do pé direito de meu pai, tem uma lâmina de Gillette no chão. Meu pai conta que naquela época a pobreza era tão grande que ele estava só esperando tirar a fotografia para pegar a lâmina e assim poder apontar seus lápis para ir para a escola, pois não tinha apontador.

Nas próximas três fotografias apresento o Clube 4-S Sempre Unidos de São Bento Alto, que era o mesmo que hoje em dia são os grupos de jovens, só que com participação apenas de jovens agricultores. A sigla 4-S significa: Saber, Sentir, Servir e Saúde. A EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.), antiga ACARESC (Associação de Crédito e Extensão Rural de Santa Catarina), com um encontro mensal, orientava os jovens por meio de cursos e palestras, em assuntos diversos como: produção de horta, agricultura, democracia, entre outros.



Fig. 25 – Integrantes do Clube 4-S Sempre Unidos de São Bento Alto. 1972.  
Fonte: João Xisto Gava.



Fig. 26 – Clube 4-S Sempre Unidos de São Bento Alto em desfile representando o agricultor em uma festa do município de Nova Veneza. 1972.  
Fonte: João Xisto Gava.



Fig. 27 – Integrantes do Clube 4-S no Salão da Igreja de São Bento Alto. Atrás, da esquerda para a direita: Ari Gava, Mirian Gava, Sionir Malgarise, Diltomiro Duminelli (*in memoriam*), Luizinho Mondardo, Albertina Malgarise, Dorgete Maria Amboni, Chirlete Malgarise, não identificada, não identificada, Dorlei Amboni, Joacir Mondardo. Na frente, da esquerda para a direita: João Xisto Gava, Rejane Mondardo, Doranei Amboni, Albertina Gava, Aldo Gava, Dilton Duminelli, Maria Cavalheiro Frassetto, Elza Gava, Ana Cleonir Malgarise, Aires Tomasi e Sonja Mondardo. 1972.  
Fonte: João Xisto Gava.



Fig. 28 – Amigos se encontram no dia seguinte do casamento de Elza Gava. Atrás da esquerda para a direita: Aires Tomasi, Dilton Duminelli, Clésio Malgarise, João Xisto Gava, Moacir Damiani, Aldo Gava. Na frente, da esquerda para a direita: Vanderlei Tomasi, Nestor Trombim, Diltomiro Duminelli (*in memorian*), Jair Trombim, Serrano, Norberto Gava, Juca Duminelli (pela metade) e Délcio Gava (espiando por baixo do braço do Norberto). 19 de janeiro de 1974.  
Fonte: João Xisto Gava.



Fig. 29 – Time de futebol da época, em Nova Veneza. Em pé, da esquerda para a direita: Sidnei Mondardo, Américo Coral, Luizinho Mondardo (Goiaba), Clésio Malgarise, João Xisto Gava, Dilton Duminelli, Norberto Gava, Pazetto (Fubarim), Vanderlei Tomasi. Agachados, da esquerda para a direita: Dilson Mondardo, Antônio Zanoni, Diltomiro Duminelli (*in memorian*), José Edecir Malgarise, Rainier Mondardo, Geraldo de Souza. 14 de julho de 1974.  
Fonte: João Xisto Gava.



Fig. 30 – Casamento de meus pais. Família do noivo (esquerda para direita): Elza, João Xisto, Humberto, Olinda, Tarcila (*in memorian*), Joseane, Albertina, Gertrudes, Xelito (*in memorian*), Davina, Délcio, Ari e Amélia. 03 de fevereiro de 1979.  
Fonte: Ivonete Damiani Gava.



Fig. 31 – Os noivos com seus pais. Da esquerda para direita: Humberto Gava, Olinda Freta Gava, João Xisto Gava, Ivonete Damiani Gava, Ângelo Damiani, Maria Destro Damiani e Mariele Pazetto (daminha). 03 de fevereiro de 1979.  
Fonte: Ivonete Damiani Gava.



Fig. 32 – Testemunhas do casamento convidadas por Ivonete: Marcelino Gava e Solange M. Gava com seus filhos Sônia Beatriz e Carlos Alexandre, Genésio Damiani e Rejane M. Damiani com seu filho Cidenir Marcelo, Glécia Crippa Spillere e Dionísio Spillere, Valentim Damiani com sua namorada e Hélio Damiani e Nádía Damiani. 03 de fevereiro de 1979.  
Fonte: Ivonete Damiani Gava.



Fig. 33 – Testemunhas do casamento convidadas por João: Norberto Gava e Mércia Damiani, Aldo Gava e namorada, Albertina Gava e Darci da Boit, Nereu Bortolotto e Elza Gava com a filha Nelise.  
Fonte: Ivonete Damiani Gava.



Fig. 34 – Natal na Escola Isolada São José. Atrás, da esquerda para a direita: Branca Waterkemper (Secretária da Educação), Cristiano Tomasi, não identificado (Papai Noel), Leonel da Silva, Adriane Duminelli, Lenir da Silva, Carmen Malgarise. Na frente, da esquerda para a direita: Luzia M. Gava, Volnei Amboni, Alexandre Mondardo, Rodrigo Gava, Martinho Amboni e Joselito D. Gava. 1988.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 35 – Escola Isolada São José. Da esquerda para a direita: Volnei Amboni, Luzia M. Gava, Lenir da Silva, Joselito D. Gava, Cristiano Tomasi. 1988.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 36 – Primeira Eucaristia de meu irmão Joselito Damiani Gava ao lado dos avós maternos. 17 de junho de 1990.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 37 – Crisma de meu irmão Joselito ao lado dos pais e dos avós maternos. 1993.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Meu pai conta que quando criança foi para a escola e só sabia falar em italiano, que era a língua utilizada em casa. Porém teve que aprender o português, pois na escola era expressamente proibido falar em outra língua. Ganhavam castigos e reguadas nas mãos caso pronunciassem uma palavra em italiano. Percebe-se o desejo que a educação tinha de unificar todos em uma só língua.

Hoje a história mudou. Temos nas disciplinas curriculares obrigatórias do município a disciplina de Língua Estrangeira – Italiano, que busca resgatar um pouco da história e dos costumes de nossos antepassados.

A escola hoje tem a função de preparar o aluno para conviver com culturas diferentes das suas, de modo que o mesmo respeite e aprenda coisas novas com uma cultura diferente.



Fig. 38 – Minha turma na 4<sup>a</sup> série. Atrás, da esquerda para a direita: Ivan Duminelli, Carmen Lair Malgarise (professora), Luis Carlos D. Padilha, Tiago Nazari, Josieli Damiani Gava, Juliana Scarpari, Giliardi Gava (professor de Italiano), Maria Aparecida Padilha, Cristiano Mondardo, Natália Furlan, Tiago Mondardo, Joemir Fabiano. Na frente, da esquerda para direita: Juliana Malgarise, Daniela Boaroli, Bruna Mondardo, Mônica Amboni, Geison Filisbino, Cristiane Tomasi, Cristiano Pavan, Henrique Amboni, Décio Mondardo. 1996.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 39 – Foto para o convite de formatura da 4ª série. São Bento Alto, 1996. Atrás, da esquerda para a direita: Ivan Duminelli, Henrique Amboni, Cristiano Pavan, Tiago Nazari, Cristiano Mondardo, Décio Mondardo, Joemir Fabiano, Tiago Mondardo, Luis Carlos D. Padilha. Na frente, da esquerda para a direita: Geison Filisbino, Maria Aparecida Padilha, Natália Furlan, Juliana Scarpari, Mônica Amboni, Cristiane Tomasi, Daniela Boaroli, Josieli Damiani Gava, Bruna Mondardo, Juliana Malgarise.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 40 – Bodas de Ouro de Maria e Ângelo Damiani. Da esquerda para a direita: Valentin, Hélio, Sônia, Genésio, Ivonete, Enio, Valdemiro, Vanderlei. 10 de junho de 2000.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 41 – Nono Ângelo dando dinheiro para seus netos. Da esquerda para a direita: Cidenir, Joselito, Renato, Bruna, Gabriela, Josieli e Tiago (bebê). 1986.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Nas duas próximas fotos chamou minha atenção o tamanho da família e a quantidade de crianças, mais ou menos da mesma idade que estão sentadas no chão. Percebe-se que antigamente as famílias eram mais numerosas do que as atuais famílias.



Fig. 42 – Festa de Ordenação Sacerdotal de Otávio Destro (irmão de minha avó Maria Destro Damiani), em Araranguá.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 43 – Festa de Ordenação Sacerdotal de Otávio Destro (irmão de minha avó Maria Destro Damiani), em Araranguá.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 44 – Família de Otilde Gava Damiani e Hercílio Damiani, com 9 dos 12 filhos que tiveram. Ela, irmã de meu avô paterno. Ele irmão de meu avô materno. Da esquerda para direita: Salete, Marliza, Mércia, Nélcio (no colo), Otilde (*in memorian*), Neura, Maria (freira), Hercílio (hoje com 92 anos), Salésio (*in memorian*), Moacir e Sérgio.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 45 – Bodas de Ouro de Marino Gava (*in memorian*) e Helena Damiani (*in memorian*). Ele, irmão de meu avô paterno. Ela, irmã de meu avô materno. 04 de janeiro de 1986.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 46 – Lídia Gava, Marino Gava (*in memorian*), Helena Damiani Gava (*in memorian*), Jaime Gava, Délzia Gava, Irmã Helena (*in memorian*, nome de batismo: Regina Damiani – irmã de nono Nelo) e Ângelo Damiani no casamento de Jaime e Délzia em Três Pontas, 1976. Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 47 – Momento de descontração de Maria (*in memorian*) e Ângelo Damiani. Maio de 1980. Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 48 – Tardes de domingo. Atrás, da esquerda para a direita: Rejane Mondardo Damiani, Maria Destro Damiani (*in memorian*), Olívia Damiani (*in memorian*), Teresa Destro Damiani, Nilson Marangoni e Olíria Marangoni.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 49 – Festa em família. 1977.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 50 – Festa em família. 1981.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 51 – Festa em família, no domingo, depois do casamento de meus pais. 04 de fevereiro de 1979.  
Fonte: Ângelo Damiani.

Dentre os bens mais preciosos, os italianos trouxeram em suas malas mudas de videiras, que foram cultivadas na nova terra. Costume trazido da Itália, a produção de vinho faz parte da fonte de renda de muitas famílias da cidade de Nova Veneza. A fotografia abaixo mostra o que não pode faltar em nenhum almoço de família: o vinho!



Fig. 52 – Festa em família. 1993.  
Fonte: Ângelo Damiani.

Não só de festa viviam os antigos moradores. Eles também eram um povo trabalhador que viviam da lavoura e criação de animais. Alguns trabalhavam no comércio.



Fig. 53 - Antiga fábrica de produtos derivados de suínos da família Bortoluzzi que foi destruída no início de 1991, em ocasião do centenário de Nova Veneza. O local hoje é denominado a Praça da Chaminé, onde acontece a maioria dos eventos.

Fonte: <http://www.portalvенеza.com.br/memoria.php>. Acesso em: 26/01/2012.



Fig. 54 - Florindo Mondardo, Marino Gava e Zemildo Duminelli em São Bento Alto há décadas. Eles posaram para a foto com uma junta de bois após o trabalho.

Fonte: <http://www.portalvенеza.com.br/memoria.php>. Acesso em: 26/01/2012.



Fig. 55 – Otávio Destro no Seminário em Turvo, pesando arroz. 28 de dezembro de 1955.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 56 – Colheita do arroz no Seminário de Turvo. 28 de dezembro de 1955.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 57 – Porco de 2 anos e 432 quilos, criado por meu avô Ângelo Damiani.  
Fonte: Ângelo Damiani.



Fig. 58 – Meu avô Ângelo Damiani com o touro de seu rebanho (932 quilos). 29 de setembro 1991.  
Fonte: Ângelo Damiani.

Termino aqui com fotos atuais minha e de meus pais.



Fig. 59 – Meu pai, João Xisto Gava. 2010.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Fig. 60 – Minha mãe, Ivonete Damiani Gava. 19 de junho de 2011.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

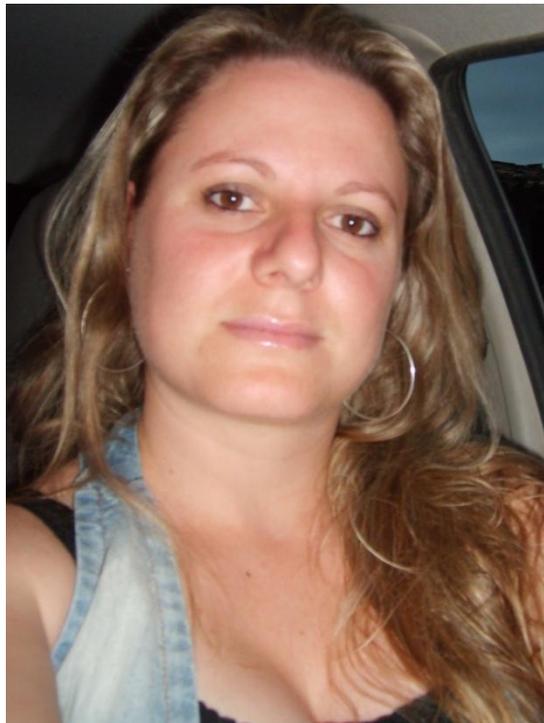


Fig. 61 – Josieli Damiani Gava. 25 de novembro de 2011.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAS

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar por meio de fotografias antigas o que elas revelam sobre a identidade cultural da cidade de Nova Veneza e alguns dos hábitos dos nossos antepassados, direcionado a pesquisa na para a história familiar.

Para poder alcançar o objetivo percorremos um caminho trazendo conceitos sobre cultura e identidade e podemos perceber que as duas estão ligadas entre si. Cultura são valores, leis, crenças, comportamentos, usos e costumes que são transmitidos pela palavra, atitudes, manifestações artísticas, etc. É o laço que liga o passado com o presente. São hábitos adquiridos pelo ser humano na condição de membro de uma sociedade. Os valores, leis, crenças e comportamentos são diferentes de um lugar para outro. Por isso, devemos falar em culturas. Essa prática de hábitos de uma determinada cultura é o que nos imprime uma identidade, que é o que nos diferencia dos outros, e é, sobretudo, uma construção social. É adotar para si os significados e valores, é a maneira como uma pessoa ou um grupo dá sentido à sua existência, se relaciona com suas raízes e o seu lugar.

Falamos também sobre arte e fotografia que do mesmo modo como a cultura e identidade, estão ligadas, sendo que a fotografia é uma linguagem artística e é por meio dela que eternizamos alguns momentos para que não sejam esquecidos com o passar do tempo.

Utilizando o recurso da fotografia buscamos identificar os hábitos e costumes dos antepassados dos moradores de Nova Veneza e pudemos perceber que os italianos eram pessoas religiosas, alegres e trabalhadoras, que chegando às novas terras, lutaram muito para construir uma nova cidade, criar e educar seus filhos. Apesar das dificuldades, tinham fé e esperança de uma vida melhor para suas famílias. Era na missa e no almoço de domingo que as famílias se descontraíam e renovavam as forças para continuar lutando.

Hoje em dia o povo neoveneziano continua lutando, porém alguns costumes estão sendo esquecidos, como por exemplo, as vestes usadas na época e o dialeto italiano. Este último aos poucos vem sendo lembrado nas escolas do município. A cultura italiana, principalmente na questão gastronômica vem sendo muito evidenciada devido aos diversos restaurantes dispersos na cidade. A arquitetura de alguns prédios ainda é conservada. O espírito festivo ainda continua principalmente

nas festas realizadas no município e no Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro que encanta a todos com suas apresentações.

Emocionei-me muito ao realizar esta pesquisa, lembrando de minha infância e ouvindo as histórias contadas por meu avô e meus pais e tenho muito orgulho da família que tenho e da cidade onde vivo.

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro** / Rosane de Andrade. – São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

BENDO, Juliane. **Arte, Roupas e Memória: diálogos sobre a identidade**. 95p. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Bacharel em Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos** / Ecléa Bosi. – 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia: construção da Pessoa e Resistência Cultural**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1986.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidades** / Lucília de Almeida Neves Delgado. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136p.

GAVA, Josieli Damiani. **Festa da Gastronomia Italiana: A Cultura no Município de Nova Veneza – SC**. 72p. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Bacharel em Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

GAVA, Josieli Damiani. **A Valorização da Cultura por meio do Ensino da Arte no Município de Nova Veneza – SC**. 34p. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Licenciada em Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

GOFF, Jacques Le, 1924. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão. 4. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005. 102 p.

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MOTA, Sílvia Francisco. **A fotografia como material histórico: as imagens do município de Morro da Fumaça**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Bacharel em Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

REDDIG, Amalhe Baesso. **A infância representada nos espaços museais de Santa Catarina: reflexões sobre educação, identidade cultural, museus, arte e infância**. 2007. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, Criciúma, 2007.

SCHILLING, Isabel Conti. **Os Traços da Identidade Cultural Polonesa nas Práticas Educacionais da Escola Casemiro Stachurski**. 2007. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, Criciúma, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. 2. ed. Bauru, SP: Edusc, 2003. 184 p.

ZOTZ, Werner. **Gente Catarina: origens e raízes** / Werner Zotz; fotos de Lolita Cunha – Florianópolis : Letras Brasileiras, 2002. 240 p.

Fílmicas

**Antonio Saggese: arqueologia da imagem** / Instituto Arte na Escola; autoria de Sebastião Gomes Pedrosa e Rosa Maria Bezerra de Vasconcellos; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

**Fotografia: o exercício do olhar** / Instituto Arte na Escola; autoria de Ana Maria Schultze; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2005.

Eletrônicas

**PORTAL VENEZA.** Disponível em: <http://www.portalvенеza.com.br/memoria.php>. Acesso em: 26 jan. 2012.

WIKIPÉDIA, **NOVA VENEZA (Santa Catarina).** Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Veneza\\_%28Santa\\_Catarina%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Veneza_%28Santa_Catarina%29). Acesso em: 04 out. 2011.